Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2016

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

UEM	**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDEÊNCIA DA EDUCAÇÃO DIRETORIA DE POLÍTICAS E PROGRAMAS EDUCACIONAIS PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL**	PDE PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

Título: O ensino do gênero textual “Memórias literárias” através de sequências didáticas	
Autora: Eliane Marina Tirapelle Brasil	
Disciplina/Área:	Língua Portuguesa
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio de Aplicação Pedagógica – Ensino fundamental e Médio – UEM
Município da escola:	Maringá
Núcleo Regional de Educação:	Maringá
Professora orientadora:	Marinês Lonardoni
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual de Maringá – UEM
Relação Interdisciplinar:	Língua Portuguesa, Literatura e Arte.
Resumo:	A produção de um texto voltado para o gênero Memórias literárias tem como finalidade uma lembrança do passado, a busca de recordações, procurando relembrar pessoas e acontecimentos que foram importantes na vida do narrador. A principal problemática dentro da construção de texto é a de distinguir entre uma narrativa e uma memória

	literária, mostrar as diferenças na ordem de relatar, exemplificar esse gênero nas suas características, sua estrutura, seu estilo. A memória literária traz consigo um propósito sócio comunicativo de recuperar, num relato escrito de forma contemporânea, vivências de tempos mais distantes, relacionados a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores vivenciados ou não pelo autor. No texto de memórias literárias objetiva-se trabalhar a leitura e a escrita do gênero através de sequências didáticas em uma turma de 7º ano, com base nos estudos de Dolz e Schneuwly (2010), Clara, R;Altenfelder, a. H; Almeida, N.(2010), bem como suas principais características, as marcas e recursos linguísticos por meio da leitura e compreensão de textos desse gênero e a produção escrita por meio de oficinas, visando mudar o modo de falar e escrever do educando, no sentido de uma consciência mais ampla da língua e do domínio do gênero estudado.
Palavras-chave:	Leitura e escrita; gênero textual: memória literária; escola.
Formato do Material Didático:	Unidade didática
Público:	Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental – Séries Finais.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

SUPERINTENDEÊNCIA DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE 2016

ELIANE MARINA TIRAPELLE BRASIL

O GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

ÁREA DO PDE: Língua Portuguesa

PROFESSORA PDE: Eliane Marina Tirapelle Brasil

ORIENTADORA: Prof.drª. Marinês Lonardoni

MARINGÁ

2016

APRESENTAÇÃO

O ensino de produção textual em sala de aula é importantíssimo, no entanto, pouco trabalhado. Para o aluno a produzir de um texto, exige-se a presença de um professor dedicado, atualizado, com gana e vontade de ensinar e de levar o aluno a aprender. Um professor que reflita sobre o real papel de produzir um texto, um professor que faça o aluno pensar no que dizer, para quem dizer, qual a razão de dizer algo (cf. GERALDI, 1993).

Além disso, para escrever algo, o aluno necessita ter conhecimento sobre o assunto, receber informações acerca de sua composição estrutural e de estilo (cf. BAKHTIM, 1992). Tais aspectos deverão favorecer r ampliar a compreensão maior e a interpretação dos textos lidos pelos educandos com repercussão em seus futuras processos de escrita.

A partir desses pressupostos, a presente produção didática tem como objetivo principal o trabalho com a leitura e a escrita do gênero “Memória literária” através de sequências didáticas. As atividades serão desenvolvidas em uma turma do 7º. ano, do Colégio de Aplicação pedagógica-UEM, Esses alunos deverão, ao final da produção didática, ser capazes de produzir um texto de memórias que retrate as lembranças e vivências de moradores antigos da cidade de Maringá, resgatadas por meio de entrevistas realizadas pelos educandos junto a esses moradores e também com o auxílio de fotos antigas.

Essa proposta surgiu da observação das dificuldades apresentadas pelos alunos no que tange à leitura e nos resultados das atividades feitas em sala de aula no que se refere à produção textual, já que os maiores problemas apresentados são o baixo nível de leitura e a falta de conhecimento sobre tipologia textual e gênero textual/discursivo.

Dessa forma, pretende-se ampliar o conhecimento de mundo do aluno através dos textos que serão apresentados, além de valorizar seu conhecimento prévio e suas experiências, pois na produção de um texto de memórias, escrito de forma contemporânea, há de se recuperar as vivências de tempos mais distantes, relacionados a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores vivenciados ou não pelo autor. Isso porque, de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa (2008, p.56), *ao ler o indivíduo busca suas experiências, seus conhecimentos prévios, sua formação familiar, religiosa, cultural nas várias vozes que o constituem.*

Nessa perspectiva, a proposta desse projeto, ao longo de sua execução, ´é que o material dado aos alunos proporcione um maior entendimento e compreensão da leitura, assim como, seja subsídio para a produção escrita do gênero memória literária.

3.3 MATERIAL DIDÁTICO

Diante do estudo realizado na produção didático-pedagógica durante o PDE, das dificuldades encontradas por muitos professores e também das observações feitas em sala de aula no decorrer dos anos percebe-se que para conseguir uma produção textual clara, concisa, coerente é necessário que mude o encaminhamento feito em aulas, faz-se necessário uma metodologia diferenciada de ensino voltada a leitura e a escrita. Pensando nisso, Dolz e Schenwuwly (2010) elaboraram um procedimento didático que tem por objetivo a compreensão do gênero acerca estudado em sala "Memória literária", com os gêneros que circulam fora da sala de aula, propondo assim, a sequência didática –SD.

Dolz e Schenwuwly propõem que a SD, é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito.

> Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2010, p.97).

Desse modo, a sequência didática permite que o aluno coloque em prática os aspectos da linguagem que já tem domínio e os que ainda não o tem, pois possibilita-o aprender e compreender melhor o conteúdo que foi ensinado pela professora. O uso dessa metodologia aproxima o educando do gênero textual estudado, bem como melhora a leitura e a escrita no âmbito geral.

O gênero escolhido ainda não é conhecido pelo aluno, considerando que somente no 7º ano do ensino fundamental, séries finais, que será visto pela primeira vez, assim a referida estratégia será usada como auxílio a prática de linguagens novas.

Dolz e Schnewuly (2010, p.83) apresentam um esquema da sequência didática que pode ser utilizado pelo professor para o ensino dos gêneros textuais.

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

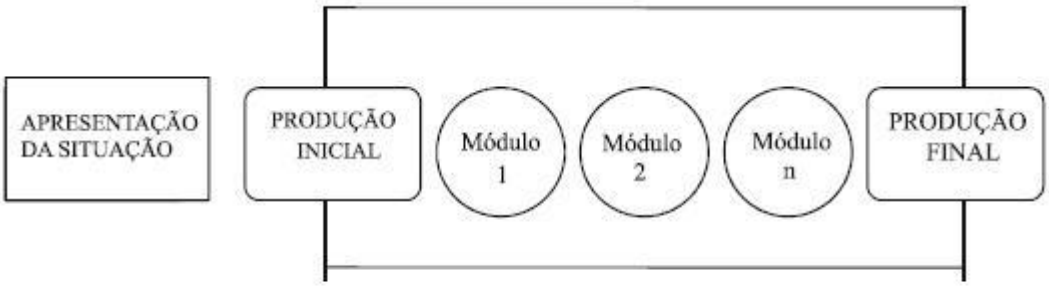


FIGURA 1 - Esquema da sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Seguindo essa SD, especificada nos textos abaixo, o aluno sentirá mais familiarizado com o gênero estudado e no decorrer do estudo trará benefícios que o farão aprender aspectos importantes da língua materna.

Na *apresentação da situação* deverá ser explicada pelo professor, de forma detalhada, a tarefa que o aluno realizará. Será uma tentativa de realização do gênero proposto. É o momento em que o aluno, fará uma entrevista pessoalmente com pessoas que darão base ao conteúdo de seu texto, construirá um conceito, conhecerá um pouco de suas lembranças, podendo ser uma atividade de linguagem que será executada produzida por um texto oral ou escrito.

Nesta fase, para que essa atividade se efetue com sucesso, o aluno deverá receber instruções das tarefas de expressão oral ou escrita, ter noção da composição, estrutura, do estilo do gênero memória literária. Essas (informações) deverão estar e ser organizadas pois, num futuro breve, auxiliarão-os a produzirem seu primeiro texto, além de servir de base para a produção final.

A *produção inicial* ocorre quando os alunos tentam elaborar seu primeiro texto, oral ou escrito. Nessa etapa, a professora diagnosticará no texto, as habilidades, o potencial e as dificuldades encontradas, para procurar a melhor maneira dos educandos obterem um melhor resultado na produção final. Depois de perceber quais são as dificuldades apresentadas pelos alunos daquela turma, o professor trabalhará várias atividades de leitura para sanar as dúvidas, discussão dos textos lidos, troca de textos escritos entre os alunos de sala, entre outros exercícios que permitirão ao educando dominar o gênero escolhido.

No que concerne aos *módulos,* serão atividades fornecidas aos educandos para trabalhar os problemas que surgiram na primeira produção textual e, a partir daí, o professor apresentar os instrumentos necessários para superá-los.

Depois de abordados os pontos mais relevantes do levantamento de dados sobre as dificuldades dos alunos em relação a leitura, a escrita e ao gênero memórias literárias, a professora usará os módulos para ajudar os alunos a superar as dificuldades encontradas no entendimento do gênero e da primeira produção escrita.

Nos módulos, é interessante o professor variar as atividades para possibilitar ao aluno adquirir noções e/ou conhecimentos por diferentes vias, aumentando, assim, suas chances de sucesso. Dolz e Schneuwly (2010, p.89) apresentam três categorias de atividades que podem ser diferenciadas:

- *As atividades de observação e de análise de textos* – pôr em evidência o ponto de referência indispensável àquele texto, comparar vários textos de um mesmo gênero ou de gêneros diferentes. Isso pode ser feito a partir de um trecho de um texto ou de um texto completo.
- *As tarefas simplificadas de produção de textos* - são atividades fundamentadas em um aspecto mais preciso da elaboração de texto. Por exemplo: o aluno pode reorganizar o conteúdo de uma narrativa para um texto explicativo, inserir uma parte que falta num dado texto; revisar um texto com base em critérios bem definidos; elaborar argumentos a partir de uma resposta dada etc.
- *A elaboração de uma linguagem comum* - é usada para falar dos textos, melhorá-los, comentá-los, criticá-los. Esse é um trabalho feito ao longo de toda a sequência e, principalmente, quando elaboram-se os critérios de forma clara, concisa para a produção de um texto oral ou escrito.

Com o ensino dos módulos, os estudantes construirão conhecimentos, interagirão com os colegas por meio das atividades propostas pelo professor, aprenderão a falar sobre o gênero, a pensar sobre o seu próprio comportamento, além de permitirem a revisão do seu próprio texto, fazendo, com que haja realmente a construção do conhecimento do aluno, ocorrendo assim, o ensino-aprendizagem em sala de aula.

Na *produção final*, depois do aluno ter estudado as diversas sequências didáticas, os alunos produzirão uma produção final de um texto, onde deverão demonstrar todas as técnicas, habilidades aprendidas no nos módulos. Estes textos serão revisados, revistos pelos alunos e pela professora para somente depois se

transformarem em um livro de memórias literárias, publicados para eles, para os pais, para os entrevistados e para o CAP/UEM.

O presente trabalho busca colaborar com a habilidade, a proficiência na leitura e na escrita dos alunos para que compreendam a função social que os mesmos exercem no meio em que estão inseridos assim como, estes sejam autônomos na busca de seus conhecimentos e valores.

3.4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho, através do estudo feito com autores renomados acerca da teoria de gêneros, propõe algumas formas diferenciadas para trabalhar com o gênero “Memórias literárias”. Partindo do estudo feito com Dolz e Schneuwly (2010), os autores propõem trabalhar com a sequência didática que são atividades planejadas, etapa por etapa, para ensinar um determinado gênero textual. Nesse caso, será dada ênfase ao gênero *Memórias literárias*, que abordará oficinas. Cada oficina tratará de um tema, um assunto, com abrangência uma ou duas aulas, dependendo do rendimento de cada turma. Nas oficinas, a professora trabalhará através de leitura de textos que remetem a memórias literárias; audição de textos; visita aos idosos no asilo São Vicente de Paula; construção de maquetes; entrevistas; produção textual; curta metragem “Eu ou a galinha”; chá com os pais e entrevistados; livro de memórias literárias.

ATIVIDADES

OFICINA 1

Ouvir o CD-Rom de Memórias literárias com os textos “Transplante de menina”, de Tatiana Belinky e “Meus tempos de criança”, de Rostand Paraíso.

Duração: 2 horas/aula

Objetivo:

- Valorizar as lembranças das pessoas mais velhas, bem como perceber como objetos e imagens trazem lembranças de um tempo passado;

Material utilizado: Aparelho de som e textos impressos.

OFICINA 2

Organizar os alunos em grupos, distribuir uma Coletânea para cada grupo, a fim de que leiam: “Minha vida de menina”, *Helena Morley*; “Mercador de escravos”, *Alberto da Costa e Silva* e “Memória de livros”, João Ubaldo Ribeiro. Antes da leitura, a professora deverá lembrá-los para que observem o nome dos autores e a data em que os textos foram publicados. Diferenciar: diário, relato histórico, memórias literárias.

Duração: 2 horas/aula

Objetivo:

- Trabalhar a leitura e a escrita do gênero “memória literária” através de sequências didáticas
- Apresentar aos alunos o gênero “memórias literárias” e suas principais características por meio da leitura e compreensão de textos desse gênero;

Material utilizado: Textos impressos; quadro, giz; mostra de vídeos (curtas-metragens) sobre os gêneros estudados.

OFICINA 3

Ler o fragmento do livro “Viver para contar”, Gabriel Garcia Márquez e a história do livro “O segredo da xícara cor de nuvem”, de Sônia Barros. Pedir para que os alunos desenhem o local descrito e comentem o que entenderam da leitura do livro.

Em seguida, solicitar que os alunos leiam o texto “A galinha ou eu”, de Denizia Moresqui e apresentar-lhes o vídeo, feito pela autora e personagens da história através de um concurso da Petrobrás.

Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC2OrsfdHSw_1xYjoG9V1UEA

Após essas atividades, solicitar que os alunos produzam, em casa, um texto de memórias literárias, retratando lembranças de sua infância,

Duração: 2 horas/aula

Objetivo:

- Trabalhar a leitura e a escrita do gênero “memória literária” através de sequências didáticas.

Material utilizado: folhas sulfite; lápis de cor; impressão colorida dos textos “Viver para contar” e “O segredo da xícara cor de nuvem”; tv pendrive e o vídeo “A galinha ou eu”, de Denizia Moresqui.

OFICINA 4

Preparar uma entrevista com a participação dos alunos e, depois, pedir para que escolham alguém da comunidade que seja morador antigo da cidade de Maringá, a fim de relatar suas memórias vividas ao longo do tempo.

Link de vídeo sobre entrevista: http://parcimoniadna.blogspot.com.br/2012/06/texto-de-apoio-para-realizar-uma.html

Produzir um texto – Memórias literárias com os alunos.

Ajudá-los a escrever, anotando na lousa suas falas e enfatizando que não podem usar termos como: “daí”, “aï”, “e depois né”, “né”; Lembrar aos alunos que é interessante começar o parágrafo com a lembrança mais marcante do entrevistado e lembrá-los de que o tempo verbal é o passado, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e também o pretérito do subjuntivo para fatos que ensejam uma possibilidade de ocorrência, mas sobre os quais não há certeza; No texto deve haver menção a

objetos e lugares antigos, comparando-os com os que existem hoje, cuidando com a pontuação usada. No final do texto, incluirá informações sobre o entrevistado: nome completo, idade, profissão, cidade em que mora e o motivo que os levou à escolha desse entrevistado. Depois de escrito, pensar-se-á coletivamente no título.

Duração: 4 horas/aula

Objetivo:

- Analisar as marcas e os recursos linguísticos presentes na construção do gênero textual, através da leitura e observação de memórias que contam as experiências vividas pelos mais velhos;
- Ensinar as sequências didáticas com a finalidade de levar o aluno a produzir memórias literárias, enfatizando o registro de sentimentos, sensações e lembranças que ocorreram no passado;

Material utilizado: quadro, giz; caderno.

OFICINA 5

A professora realizará leituras da Coletânea de trechos: ”Meu pé de goiaba”; “A roda gigante” e “Zé Milton”, todos de Denizia Moresqui. Depois, entregar recortes dos textos e pedir que os alunos o organizem: início, meio e fim; Logo após, solicitar aos alunos que escrevam, com palavras deles, qual é o fato principal lembrado nos textos lidos.

Apresentar e ministrar, em seguida, as diferentes características da descrição em textos de memórias, sublinhando as palavras que representem o lugar, a época, as pessoas e como esses fatos foram vivenciados. Depois dessa atividade, pedir que os alunos descrevam um local atrativo, atraente, interessante do lugar onde vivem.

Informar aos alunos que na próxima aula será feito um passeio, percorrendo alguns pontos turísticos de Maringá. para tanto será enviado um pedido de autorização aos pais dos alunos para o referido passeio.

Duração: 2 horas/aula.

Objetivo:

- Propiciar aos alunos os recursos e mecanismos linguísticos para a reescrita do gênero memórias, a fim de que a produção final do texto se apresente de forma clara, concisa e coerente.

Material utilizado: textos impressos, discussão em sala de aula, enxada, vídeos caracterizando a vida no campo, caderno, estojo e convite.

OFICINA 6 – EBA! PASSEIO!

Levar os alunos ao Parque do Ingá, Catedral, Parque do Japão, entre outros, para fotografarem, observarem as mudanças ocorridas desde a formação da cidade até os dias atuais. Os passeios deverão contar com a presença de um guia turístico.

Pedir aos alunos que tragam, na aula seguinte, fotos antigas dos lugares visitados.

Duração: 3 horas/aula

Objetivo:

- Levar os alunos através do passeio a observarem a cidade atual e, depois a compararem com fotos antigas .
- Solicitar que os alunos apontem as diferenças ocorridas nestes lugares com o decorrer do tempo e os aspectos que permaneceram.

Material utilizado: Máquina fotográfica, celular, ônibus.

OFICINA 7

A professora solicitará aos alunos que escolham um dos lugares visitados na aula anterior (Catedral, Parque do Ingá, Parque do Japão), e descrevam-no, comparando as imagens vistas no passeio com as fotos antigas desses lugares.

Em seguida, solicitar que os alunos façam a leitura de “A escola”, de Denizia Moresqui e “Memórias de livros”, de João Ubaldo Ribeiro e, depois, discutir com a turma: relembrando om deslocamento que costumava acontecer nas férias

escolares dos autores lidos. Explicar aos alunos que as informações podem aparecer, nos textos, de forma mais sutil, poética usando metáfora, metonímia, hipérbole e ironia. Pedir que as encontrem nos textos e as circulem.

Levá-los a observar o uso do pretérito perfeito e imperfeito; relembrar as flexões dos tempos verbais, bem como deverão identificar palavras e expressões que remetem ao passado.

Pedir aos alunos que montem uma maquete, em casa, com material a escolha de cada um, fazendo a descrição de um dos textos lidos em sala.

Duração: 2 horas/ aula

- **Objetivo:** Apresentar aos alunos o gênero “memórias literárias” e suas principais características por meio da leitura e compreensão de textos desse gênero;
- Analisar as marcas e os recursos linguísticos presentes na construção do gênero textual, através da leitura e observação de memórias que contam as experiências vividas pelos mais velhos;

Material utilizado: esopor, sulfite, caderno, livros, internet.

OFICINA 8

O professor fará a leitura do livro “O segredo da xícara cor de nuvem”, de Sônia Barros em sala de aula com os alunos e promoverá uma discussão sobre as memórias literárias presentes neles.

Em seguida, pedirá aos alunos que identifiquem o tempo verbal em que os fatos são narrados: presente ou passado e fazer a comparação entre os dois.

Logo após, escreverá no quadro as palavras e expressões diferentes do cotidiano dos alunos e explorar o significado de cada uma delas.

Após discutir esses aspectos, pedir para que os alunos retornem à casa de seus entrevistados e perguntar que expressões, objetos ou palavras eram usadas na sua época. Depois, na aula seguinte, socializar essas palavras com os colegas de sala.

Duração: 3 horas/aula

- **Objetivo:** Analisar as marcas e os recursos linguísticos presentes na construção do gênero textual, através da leitura e observação de memórias que contam as experiências vividas pelos mais velhos;

Material utilizado: livro “O segredo da xícara cor de nuvem”, laboratório de informática (leitura no computador, através dos e-mails, quadro e giz.

OFICINA 9

Depois de os alunos terem retornado às pessoas entrevistadas para colher e complementar informações que servirão de base para os textos de memórias literárias a serem escritos, eles deverão estar atentos e observar os novos dados, ou seja, aqueles que não foram mencionados na primeira entrevista, a fim de acrescentá-los às informações anteriores para a elaboração da produção textual de memórias literárias;

A professora deverá rever as entrevistas juntamente com os alunos e pedir se há algum “termo” ou “passagem” do entrevistado que eles não compreenderam e explicar-lhes.

Pedir aos alunos que façam outra produção textual: Memórias literárias, em 1ª pessoa, lembrando-os que devem enfatizar o modo de viver do entrevistado no passado; as transformações físicas da comunidade; a origem da comunidade; os antigos lugares de trabalho; as profissões que desapareceram; os eventos marcantes, tendo como base a entrevista e os textos lidos e estudados em sala.

Duração: 3 horas/aula

Objetivo:

- Analisar as marcas e os recursos linguísticos presentes na construção do gênero textual, através da leitura e observação de memórias que contam as experiências vividas pelos mais velhos;
- Propor ao aluno que elabore um texto de memórias literárias em 1ª pessoa, a partir das informações obtidas nas entrevistas, enfatizando o registro de sentimentos, sensações e lembranças dos entrevistados que ocorreram no passado.

Material utilizado: caderno, celular (entrevista), internet.

OFICINA 10

Analisar a produção de texto de memórias literárias produzidos pelos alunos e observar as vozes presentes no texto, o uso de (aspas) e explicar que esse sinal é usado para indicar que se trata de uma citação do outro. Para finalizar, retomar o título escolhido para o texto e conversar com a turma sobre os efeitos provocados por essa escolha.

Entregar o texto aos alunos para que o revisem, corrijam os erros, passando-os, a limpo, no caderno de produção textual**.**

Duração: 1 horas/aula

Objetivo:

- Analisar as marcas e os recursos linguísticos presentes na construção dos textos dos alunos acerca do gênero memórias, elaborado a partir das entrevistas com moradores antigos da cidade de Maringá.

Material utilizado: quadro, data-show e caderno.

OFICINA 11 – VISITA AO ASILO SÃO VICENTE DE PAULA

Promover, aos alunos, uma visita ao "Asilo São Vicente de Paula" – Maringá, para que possam ouvir as histórias contadas pelas pessoas que nele residem e, também, levarem um pouco de alegria a eles com brincadeiras e canções.

Na aula seguinte promover um relato oral dos alunos sobre as experiências vivenciadas pelos idosos, no Asilo São Vicente de Paula.

Produzir um desenho caracterizando a visita.

Duração: 3 horas/aula

Objetivo:

- Promover a interação e o respeito entre alunos e idosos através da valorização de suas memórias e histórias de vida.

Material utilizado: violão, músicas, bate-papo**.**

OFICINA 12

Levar os alunos ao Laboratório de Informática para que digitem os textos de Memórias literárias por eles elaborados.

Duração: 2 horas/aula

Objetivo:

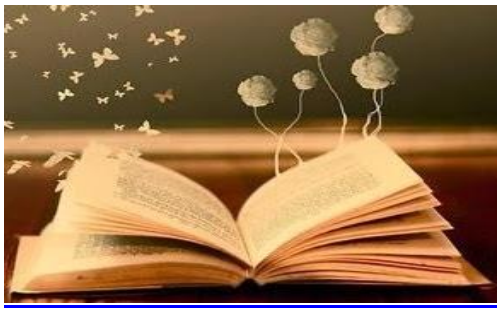
- Digitar os textos produzidos pelos alunos, afim de preparar a facção do livro.

Material utilizado: caderno, computador.

OFICINA 13

Fazer um "Chá com os alunos, seus pais e entrevistados", para a audição de algumas Memórias produzidas a partir das entrevistas realizadas.

Em seguida, a professora fará a entrega dos livros contendo todas as memórias literárias produzidas pelos alunos aos pais e entrevistados.



Disponível em:http://lovetokeep.com/2015/04/momentos-para-recordar-livro-de-memorias-personalizado.html

Disponível em:http://clubedolivrovirandoapagina.blogspot.com.br/

Duração: 2 horas/aula

Objetivo:

- Promover a interação entre alunos, pais e entrevistados e entrega do livro de memórias literárias.

Material utilizado: livro de memórias, peça teatral e bate-papo.

ANEXOS

OFICINA 1

Transplante de menina

Tatiana Belinky

[...] Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Papai e mamãe, mais o primo - feliz proprietário de uma "baratinha" - nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar - ai, que emoção - pelo funicular, o "bondinho" pendurado entre aqueles enormes rochedos. E de onde se descortinava uma vista empolgante, só superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos - passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical - ao alto do Corcovado. Ali ainda não se erguia a estátua do Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais "divino" ao natural, sem ela.

Fomos passear também na Gávea e na Avenida Niemeyer, ainda bastante deserta, e na Tijuca, com a sua floresta e a sua linda Cascatinha. "Cascatinha", por sinal, era o nome da cerveja que papai tomava com muito gosto, enquanto nós, crianças, nos amarrávamos num refrigerante incrível que tinha o estranho nome de Guaraná.

Não deixamos de passear pelo centro da cidade, na elegantíssima Rua do Ouvidor, e na muito chique Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal e suas escadarias, com seus bares e sorveterias na calçada. E, claro, na Avenida Rio Branco, reta, larga, e imponente, embicando no cais do porto, por onde chegamos ao Brasil pela primeira vez.

E foi nessa Avenida Rio Branco que tivemos a nossa primeira impressão - e que impressão! - do carnaval brasileiro. Eu já tinha ouvido falar em carnaval: na Europa, era famoso o carnaval de Nice, na França, com a sua decantada batalha de flores; e o carnaval de Veneza, mais exuberante, tradicional, com gente fantasiada e mascarada dançando e cantando nas ruas. E havia também os luxuosos, e acho que "comportados", bailes de máscaras, em muitas capitais europeias. Eu já ouvira falar em fasching, carnevale, Mardi Gras - vagamente. Mas o que eu vi, o que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele "corso" - o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes - todos dançando e

cantando, pulando, saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os "cordões", os "ranchos", os "blocos de sujos" - e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando - era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época -, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados... Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da "moreninha querida... que anda sem meia em plena avenida".

Ah, as marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas... E os ritmos, e os instrumentos - violões, cuícas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos...

E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas - coisa absolutamente inédita para nós - com seus nomes esquisitos, "Fenianos", "Tenentes do Diabo" - cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante - e, para mim, nada menos que acachapante!

E pensar que a gente não compreendia nem metade do que estava acontecendo! Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada - tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes. Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível...

Transplante de menina. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.

Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/403/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-transplante-de-menina

Meus tempos de criança

Rostand Paraíso

Pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda a sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar e grandes irregularidades no terreno para contornar.

Usávamos "bolas de meias", preparadas por nós mesmos com papel de jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher, mas já começávamos a usar bolas de borrachas e as "bolas-de-pito", que eram bolas de couro, com pito para fora e que tínhamos o cuidado de envergar para dentro, para evitar arranhaduras.

Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a noitinha, parando-se apenas quando não havia mais sol e quando não podíamos mais ignorar os gritos que vinham de nossa casa, para tomar banho, mudar de roupa e ir jantar.

As mesmas misteriosas ordens faziam-nos começar a desengavetar nossos times de botão para a temporada que iria se iniciar. Os botões eram polidos e engraxados.

Descobríamos, nos botões das capas e dos jaquetões e, também, nas tampas de remédios, promissores craques. Nossos pais começavam a estranhar, sem encontrar qualquer explicação para fato, o desaparecimento das tampas dos xaropes e dos botões das roupas. Esses craques em potencial, novos valores que surgiam, eram devidamente preparados e passávamos dias a lixá-los e, para lhes dar mais peso e maior aderência à mesa, a enchê-los com parafina derretida. Trabalho que levava às vezes algumas semanas, os novos craques sendo testados exaustivamente até que nos déssemos por satisfeitos e os considerássemos prontos e aprovados para as grandes competições pela frente.

Os botões de chifre, preparados pelos presos da Casa de Detenção, onde íamos comprá-los, começavam, pela sua robustez e pela potência de seus chutes, a ganhar nossa preferência. Não gostávamos, porém, daqueles botões que vinham do Sul, de plástico, todos iguais, diferençando-se uns dos outros apenas pelas "camisas" que traziam coladas sobre si, com as cores dos clubes cariocas. Preferíamos, nós mesmos, pregar as cores do nosso time preferido, no meu caso o Santa Cruz.

Cada botão ganhava seu nome, Perácio, Leônidas, Patesko, Pitota, Sidinho, Siduca... botões que já não tenho mais, desaparecidos misteriosamente ao longo do tempo. Meu ponta-esquerda, Tarzan, que tantas alegrias me deu, com suas arrancadas para o campo adversário e com seus mirabolantes gols, que fim terá levado?

Preferíamos usar as bolas de farinha, arredondadas cuidadosamente na palma da mão e que permitiam um bom controle, correndo menos que as de miolo de pão e não tanto quanto as de borracha.

Dentro daquelas regras que adotávamos e que permitiam que continuássemos a jogar enquanto não perdêssemos o controle da bola, éramos obrigados, quando nos sentíamos em condições de tentar o chute a gol, a avisar o adversário: "Defenda-se!" ou "Prepare-se!", dando tempo a que ele posicionasse melhor o seu goleiro e

puxasse, para junto dele, os beques, geralmente bem altos, com a finalidade de dificultar o chute rasteiro.

As partidas eram irradiadas por um de nós, ao estilo de José Renato, o famoso locutor esportivo da PRA-8, e os gols, quando convertidos, eram gritados histericamente, incomodando toda a vizinhança.

Rostand Paraíso. *Antes o tempo apague...* 2ª ed. Recife, Comunicarte, 1996, pp. 131-132

Disponível em: http://www.desvendandopalavras.com/2008/08/desvendando-palavras_2300.html

Postado por Profa. Mestre Neila Silveira de Oliveira às sexta-feira, agosto 01, 2008

OFICINA 2

Minha vida de menina

Helena Morley

Quarta-feira, 28 de agosto (de 1895).

Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste!

Vovó chamou-me cedo, ansiada como está, coitadinha, e deu-me um vestido. Beijou-me e disse: "Sei que você vai ser sempre feliz, minha filhinha, e que nunca se esquecerá de sua avozinha que lhe quer tanto". As lágrimas lhe correram pelo rosto abaixo e eu larguei dos braços dela e vim desengasgar-me aqui no meu quarto, chorando escondida.

Como eu sofro de ver que mesmo na cama, penando com está, vovó não se esquece de mim e de meus deveres e que eu não fui o que devia ter sido para ela! Mas juro por tudo, aqui nesta hora, que vovó melhorando eu serei um anjo para ela e me dedicarei a esta avozinha tão boa e que me quer tanto.

Vou agora entrar no quarto para vê-la e já sei o que ela vai me dizer: "Já estudou suas lições? Então vá se deitar, mas procure antes alguma coisa para comer. Vá com Deus".

Minha vida de menina. São Paulo: Companhia das Letras, 1942.

Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/400/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-minha-vida-de-menina

Mercador de escravos

Alberto da Costa e Silva

Quando eu morei na Nigéria, ouvi de vários descendentes de ex-escravos retornados do Brasil que seus antepassados trouxeram consigo, um saquinho de ouro em pó. E que os menos afortunados desembarcavam em Lagos com os instrumentos de seu ofício e alguns rolos de tabaco, mantas de carne-seca e barriletes de cachaça, para com eles reiniciar a vida. É provável que tenha sido também assim, com seu contrabando de ouro ou o seu tanto de fumo e jeritiba, que alguns dos traficantes brasileiros instalados no golfo do Benin começaram os seus negócios.

Não foi este, porém, ao que parece, o caso de Francisco Félix de Souza. A menos que estivesse mentindo, quando disse ao reverendo Thomas Birch Freeman que chegara à Costa sem um tostão e que foram de indigência os seus primeiros dias africanos - confissão corroborada por um parágrafo de Theophilus Conneau, no qual se afirma que Francisco Félix começou a carreira a sofrer privações e toda a sorte de problemas. Outro contemporâneo, o comandante Frederick E. Forbes, foi menos enfático, porém claro: Francisco Félix era um homem pobre, quando desceu na África.

Que ele tenha, de início, como declarou, conseguido sobreviver com os búzios que furtava dos santuários dos deuses, não é de estranhar-se. Os alimentos eram muito baratos naquela parte do litoral. Numa das numerosíssimas barracas cobertas de palha do grande mercado de Ajudá, recebia-se da vendedora, abrigada sob o teto de palha ou sentada num tamborete atrás do trempe com seu tacho quente, um naco de carne salpicado de malagueta contra dois ou três cauris. Custava outro tanto um bocado de inhame, semi envolto num pedaço de folha de bananeira e encimado por lascas de peixe seco. E talvez se obtivesse por uma só conchinha um acará.

Francisco Félix de Souza, mercador de escravos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Editora da UERJ, 2004.

Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/399/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-mercador-de-escravos

Vídeo: Memórias Sinais do tempo, marcas do passado

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hcXnPrnVbq8

Memória de livros

Autor: João Ubaldo Ribeiro

Aracaju, a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe, o menor estado brasileiro (mais ou menos do tamanho da Suíça). Essa distinção, contudo, não lhe tirava o caráter de cidade pequena, provinciana e calma, à boca de um rio e a pouca distância de praias muito bonitas. Sabíamos do mundo pelo rádio, pelos cinejornais que acompanhavam todos os filmes e pelas revistas nacionais. A televisão era tida por muitos como mentira de viajantes, só alguns loucos andavam de avião, comprávamos galinhas vivas e verduras trazidas à nossa porta nas costas de mulas, tínhamos grandes quintais e jardins, meninos não discutiam com adultos, mulheres não usavam calças compridas nem dirigiam automóveis e vivíamos tão longe de tudo que se dizia que, quando o mundo acabasse, só íamos saber uns cinco dias depois.

Mas vivíamos bem. Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos *long play*, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente. Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e, que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou, porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e fi cou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru.

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

— D. Gilete — disse ele, apresentando-me a uma senhora de cabelos presos na nuca, óculos redondos e ar severo —, este rapaz já está um homem e ainda não sabe ler. Aplique as regras.

“Aplicar as regras”, soube eu muito depois, com um susto retardado, signifi cava, entre outras coisas, usar a palmatória para vencer qualquer manifestação de falta de empenho ou burrice por parte do aluno. Felizmente D. Gilete nunca precisou me aplicar as regras, mesmo porque eu de fato já conhecia a maior parte das letras e juntá-las me pareceu facílimo, de maneira que, quando voltei para casa nesse mesmo dia, já estava começando a poder ler. Fui a uma das estantes do corredor para selecionar um daqueles livrões com retratos de homens carrancudos e cenas de batalhas, mas meu pai apareceu subitamente à porta do gabinete, carregando uma pilha de mais de vinte livros infantis.

— Esses daí agora não — disse ele. — Primeiro estes, para treinar. Estas livrarias daqui são umas porcarias, só achei estes. Mas já encomendei mais, esses daí devem durar uns dias.

Duraram bem pouco, sim, porque de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis. Um pouco febril às vezes, chegava a ler dois ou três livros num só dia, sem querer dormir e sem querer comer porque não me deixavam ler à mesa — e, pela primeira vez em muitas, minha mãe disse a meu pai que eu estava maluco, preocupação que até hoje volta e meia ela manifesta.

— Seu filho está doido — disse ela, de noite, na varanda, sem saber que eu estava escutando. — Ele não larga os livros. Hoje ele estava abrindo os livros daquela estante que vai cair para cheirar.
— Que é que tem isso? É normal, eu também cheiro muito os livros daquela estante. São livros velhos, alguns têm um cheiro ótimo.
— Ele ontem passou a tarde inteira lendo um dicionário.
— Normalíssimo. Eu também leio dicionários, distrai muito. Que dicionário ele estava

lendo?

— O Lello.

— Ah, isso é que não pode. Ele tem que ler o Laudelino Freire, que é muito melhor. Eu vou ter uma conversa com esse rapaz, ele não entende nada de dicionários. Ele está cheirando os livros certos, mas lendo o dicionário errado, precisa de orientação.

Sim, tínhamos muitas conversas sobre livros. Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos — a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na *Ilíada*. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloquente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula esta a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos — escritos ou orais — das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto e vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto e vírgula) e os trechos a decorar. No que certamente é um mistério para os psicanalistas, até hoje não só os sermões de Vieira como muitos desses autores forçados pela goela abaixo estão entre minhas leituras favoritas. (Em compensação, continuo ruim de ponto e vírgula.)

Mas o bom mesmo era a leitura livre, inclusive porque oferecia seus perigos. Meu pai usava uma técnica maquiavélica para me convencer a me interessar por certas leituras. A circulação entre os livros permanecia absolutamente livre, mas, de vez em quando, ele brandia um volume no ar e anunciava com veemência:

— Este não pode! Este está proibido! Arranco as orelhas do primeiro que chegar perto deste daqui!

O problema era que não só ele deixava o livro proibido bem à vista, no mesmo lugar de onde o tirara subitamente, como às vezes a proibição era para valer. A incerteza era inevitável e então tínhamos momentos de suspense arrasador (meu pai nunca arrancou as orelhas de ninguém, mas todo mundo achava que, se fosse por uma questão de princípios, ele arrancaria), nos quais lemos *Nossa vida sexual* do Dr. Fritz Kahn, *Romeu e Julieta*, *O livro de San Michele*, *Crônica escandalosa dos Doze Césares*, *Salambô*, *O crime do Padre Amaro* — enfim, dezenas de títulos de uma coleção estapafúrdia, cujo único ponto em comum era o medo de passarmos o resto da vida sem orelhas — e hoje penso que li tudo o que ele queria disfarçadamente que eu lesse, embora à custa de sobressaltos e suores frios.

Na área proibida, não pode deixar de ser feita uma menção aos pais de meu pai, meus avós João e Amália. João era português, leitor anticlerical de Guerra Junqueiro e não levava o filho muito a sério intelectualmente, porque os livros que

meu pai escrevia eram finos e não ficavam em pé sozinhos. “Isto é merda”, dizia ele, sopesando com desdém uma das monografias jurídicas de meu pai. “Estas tripinhas que não se sustentam em pé não são livros, são uns folhetos.” Já minha avó tinha mais respeito pela produção de meu pai, mas achava que, de tanto estudar altas ciências, ele havia ficado um pouco abobalhado, não entendia nada da vida. Isto foi muito bom para a expansão dos meus horizontes culturais, porque ela não só lia como deixava que eu lesse tudo o que ele não deixava, inclusive revistas policiais oficialmente proibidas para menores. Nas férias escolares, ela ia me buscar para que eu as passasse com ela, e meu pai fi cava preocupado.

— D. Amália — dizia ele, tratando-a com cerimônia na esperança de que ela se imbuísse da necessidade de atendê-lo —, o menino vai com a senhora, mas sob uma condição. A senhora não vai deixar que ele fique o dia inteiro deitado, cercado de bolachinhas e docinhos e lendo essas coisas que a senhora lê.

— Senhor doutor — respondia minha avó —, sou avó deste menino e tua mãe. Se te criei mal, Deus me perdoe, foi a inexperiência da juventude. Mas este cá ainda pode ser salvo e não vou deixar que tuas maluquices o infelicitem. Levo o menino sem condição nenhuma e, se insistes, digo-te muito bem o que podes fazer com tuas condições e vê lá se não me respondes, que hoje acordei com a ciática e não vejo a hora de deitar a sombrinha ao lombo de um que se atreva a chatear-me. Passar bem, Senhor doutor. E assim eu ia para a casa de minha avó Amália, onde ela comentava mais uma vez com meu avô como o filho estudara demais e ficara abestalhado para a vida, e meu avô, que queria que ela saísse para poder beber em paz a cerveja que o médico proibira, tirava um bolo de dinheiro do bolso e nos mandava comprar umas coisitas de ler — Amália tinha razão, se o menino queria ler, que lesse, não havia mal nas leituras, havia em certos leitores. E então saíamos gloriosamente, minha avó e eu, para a maior banca de revistas da cidade, que fi cava num parque perto da casa dela e cujo dono já estava acostumado àquela dupla excêntrica. Nós íamos chegando e ele perguntava:

— Uma de cada?

— Uma de cada — confirmava minha avó, passando a superintender, com os olhos brilhando, a colheita de um exemplar de cada revista, proibida ou não proibida, que ia formar uma montanha colorida deslumbrante, num carrinho de mão que talvez o homem tivesse comprado para atender a fregueses como nós. — Mande levar. E agora aos livros!

Depois da banca, naturalmente, vinham os livros. Ela acompanhava certas coleções, histórias de “Raffles, Arsène Lupin”, Ponson du Terrail, Sir Walter Scott, Edgar Wallace, Michel Zevaco, Emilio Salgari, os Dumas e mais uma porção de outros, em edições de sobrecapas extravagantemente coloridas que me deixavam quase sem fôlego. Na livraria, ela não só se servia dos últimos lançamentos de seus favoritos, como se dirigia imperiosamente à seção de literatura para jovens e escolhia livros para mim, geralmente sem ouvir minha opinião — e foi assim que li Karl May, Edgar Rice Burroughs, Robert Louis Stevenson, Swift e tantos mais, num sofá enorme, soterrado por revistas, livros e latas de docinhos e bolachinhas, sem querer fazer mais nada, absolutamente nada, neste mundo encantado. De vez em quando, minha avó e eu mantínhamos tertúlias literárias na sala, comentando nossos vilões

favoritos e nosso herói predileto, o Conde de Monte Cristo – Edmond Dantès! – como dizia ela, fremindo num gesto dramático. E meu avô, bebendo a cerveja escondido lá dentro, dizia “ai, ai, esses dois se acham letrados, mas nunca leram o Guerra Junqueiro”.

De volta à casa de meus pais, depois das férias, o problema das leituras compulsórias às vezes se agravava, porque meu pai, na certeza (embora nunca desse ousadia de me perguntar) de que minha avó me tinha dado para ler tudo o que ele proibia, entrava numa programação delirante, destinada a limpar os efeitos deletérios das revistas policiais. Sei que parece mentira e não me aborreço com quem não acreditar (quem conheceu meu pai acredita), mas a verdade é que, aos doze anos, eu já tinha lido, com efeitos às vezes surpreendentes, a maior parte da obra traduzida de Shakespeare, *O elogio da loucura*, *As décadas de Tito Lívio*, *D. Quixote* (uma das ilustrações de Gustave Doré, mostrando monstros e personagens saindo dos livros de cavalaria do fidalgo, me fez mal, porque eu passei a ver as mesmas coisas saindo dos livros da casa), adaptações especiais do *Fausto* e da *Divina comédia*, a *Ilíada*, a *Odisseia*, vários ensaios de Montaigne, Poe, Alexandre Herculano, José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Dickens, Dostoievski, Suetônio, os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola e mais não sei quantos outros clássicos, muitos deles resumidos, discutidos ou simplesmente lembrados em conversas inflamadas, dos quais nunca me esqueço e a maior parte dos quais faz parte íntima de minha vida.

Fico pensando nisso e me pergunto: não estou imaginando coisas, tudo isso poderia ter realmente acontecido? Terei tido uma infância normal? Acho que sim, também joguei bola, tomei banho nu no rio, subi em árvores e acreditei em Papai Noel. Os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas. Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju.

Texto extraído do livro *Um brasileiro em Berlim* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, pp. 105-112). Fonte: Revista *Na ponta do lápis* (ano VII, número 18, junho de 2008, p.22)

Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/495/memoria-de-livros

OFICINA 3

Texto: *Viver para contar*

Gabriel García Marquez

Até a adolescência, a memória tem mais interesse no futuro que no passado, e por isso minhas lembranças da cidadezinha ainda não estavam idealizadas pela nostalgia. Eu me lembrava de como ela era: um bom lugar para se viver, onde todo

mundo conhecia todo mundo, na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam num leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. Ao entardecer, sobretudo em dezembro, quando passavam as chuvas e o ar tornava-se de diamante, a Serra Nevada de Santa Marta parecia aproximar-se com seus picos brancos até as plantações de banana, lá na margem oposta. Dali dava para ver os índios aruhacos correndo feito formiguinhas enfileiradas pelos parapeitos da serra [...]. Nós, meninos, tínhamos então a ilusão de fazer bolas com as neves perpétuas e brincar de guerra nas ruas abrasadoras. Pois o calor era tão inverossímil, sobretudo durante a sesta, que os adultos se queixavam dele como se fosse uma surpresa a cada dia. Desde o meu nascimento ouvi repetir, sem descanso, que as vias do trem de ferro e os acampamentos da United Fruit Company foram construídos de noite, porque de dia era impossível pegar nas ferramentas aquecidas pelo sol.

Gabriel García Marquez. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Disponível em: http://praticandogenerostextuaisnaescola.blogspot.com.br/p/coletanea-de-memorias-literarias-da.html

Livro: O segredo da xícara cor de nuvem – Sônia Barros

Disponível em: http://escritorasoniabarros.blogspot.com.br/2011/02/o-segredo-da-xicara-cor-de-nuvem.html

Texto: **“A galinha ou eu!”** – Denizia Moresqui

Lá estava ele, entre o paiol e o pé de limão, reinando absoluto na hora da dor de barriga: o mitório, ou privada, ou W. C. caipira.

Pra vocês que têm menos de trinta anos e nunca moraram em sítio, aqui vai a descrição do mitório: uma casinha bem pequena de madeira, dentro tem uma caixa grande com um buraco em forma de losango, onde a gente se sentava para... bem, para fazer o que hoje vocês fazem no vaso sanitário.

O nosso mitório era bem velho e ficava a uns dez metros da casa. Ter dor de barriga de madrugada estava fora de questão, já que nem luz elétrica havia lá.

O fato que vou lhes contar agora, do qual o mitório, é personagem principal, ocorreu por volta de 1978, quando eu tinha uns cinco anos. Desde bebê, morei numa fazenda. Minha mãe criava os cinco filhos e as galinhas soltos no quintal. A gente mal sabia a diferença entre nós e elas. Só sabíamos que as galinhas eram nossas amigas e que nós as comíamos no almoço de domingo.

Eu sempre gostei de animais, talvez porque me sentisse como um deles. Conversava com cavalos, ouvia as queixas dos pintinhos, desabafava com a vaca...

Um dia, porém, uma galinha nova olhou para mim com ar arrogante, parecia se sentir superior à minha pessoa. Quando dei por mim, estava eu perseguindo a danada a fim de dar-lhe uma surra. Eu corria pra um lado, a galinha pro outro; quando quase conseguia pegá-la, ela se esgueirava e fugia. Foi então que a infeliz correu para o lado do mitório: o personagem principal desta história.

Como eu estava determinada a dar uma lição na famigerada, continuei na caça. Ela entrou no mitório e eu atrás. Quando se viu encurralada, deu uma esvoaçada (porque galinha não voa, esvoaça), e não é que a penosa caiu bem dentro do buraco do mitório.

__ E agora, o que farei?__ pensei em voz alta. Olhei para fora do estabelecimento. Não havia ninguém, nenhuma testemunha do meu crime. Então saí assoviando (se eu soubesse assoviar). Fingi que nada havia acontecido. Pois se eu contasse à minha mãe era surra na certa, tirariam a galinha de lá, mas eu entraria na cinta.

__ Se fiquei com remorso?

Sim, fiquei por um ou dois minutos. Remorso de criança e de político tem breve duração. Depois me esqueci de tudo brincando com meus irmãos e primos.

Algum tempo passou, não sei se um mês ou um ano. Porque, para as crianças, o tempo passa diferente, um dia pode parecer uma semana. Então, passado o tempo, alguém olhou para o mitório e disse:

__ Está velho, vamos derrubar.

Não pense que ganharíamos um vaso sanitário. Isso era algo impensável naqueles dias. Ganharíamos um mitório novo em cima do mesmo buraco.

Tira telha, tira tábua, tira ripa, tira piso...

E então o que surgiu foi assombroso. Adivinhem quem surgiu da... (as reticências falam por si) “a galinha” viva e saudável. Foi retirada do buraco e passou a caminhar espantada pelo quintal. Mais espantados ficaram os moradores da fazenda, principalmente eu, que sabia (ou imaginava) quanto tempo a coitada passou lá.

Estão pensando que eu contei tudo à minha mãe? Que nada, até hoje só eu e a galinha conhecíamos a verdade e como ela não falava... escapei. Só com trinta e quatro anos resolvi contar ao mundo nossa história. Uma homenagem póstuma à galinha. Quem será que a comeu?

Denizia Moresqui - 25/05/07.

Disponível em: http://deniziamoresqui.blogspot.com.br/2016/12/a-galinha-ou-eu.html

Vídeo: “A galinha ou eu” – Denizia Moresqui

Disponível em:https://www.youtube.com/results?search_query=a+galinha+ou+eu

OFICINA 4

FICHA DE ENTREVISTA

Aluno(a):_____Série:_____Turma:_____

Professora PDE: Eliane Marina Tirapelle Brasil

Orientadora: Marinês Lonardoni

DADOS DA ENTREVISTA

Entrevistador:_____

Entrevistado(nome completo):_____

Cidade onde nasceu:_____

Local onde nasceu:_____

Data de nascimento:____/____/____

Tema da entrevista: "Minha história, minhas recordações".

Objetivo: Promover a interação e o respeito entre alunos e idosos através da valorização de suas memórias e histórias de vida.

Tempo de duração:_____

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1-Quanto tempo o senhor(a) mora nesta cidade?

2-Como era o bairro, o local onde o senhor(a) passou sua infância? Comente-o.

3-Houve algum fato marcante neste local em que se recorda? Conte.

4-Fale sobre sua trajetória de vida.

5-Quais eram as brincadeiras daquela época? Como o senhor(a) se divertia?

6-O senhor(a) tem alguma foto daquele tempo? Algum objeto guardado que recorde suas vivências?

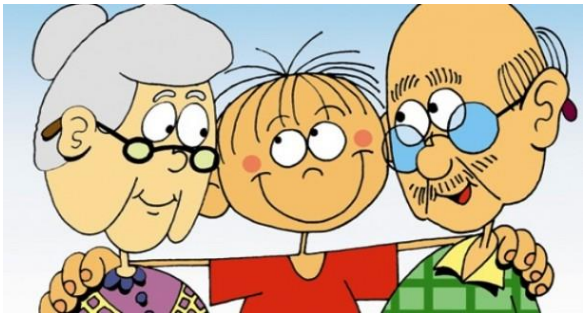
7-Sua família era constituída de quantas pessoas? Seus pais e depois o senhor(a) trabalhava em quê?

8-As roupas daquele tempo eram parecidas com as de hoje? Houve mudanças? Qual(s)?

9-E a cidade, o bairro onde nasceu e viveu boa parte de sua infância teve mudanças? Quais?

10-O que o senhor(a) gostaria que permanecesse igual aquele tempo de sua infância ou mocidade? Faça uma comparação dessas duas épocas?

11-Após feita a entrevista, anexe uma foto da entrevista ou somente do entrevistado.



http://direitodetodos.com.br/wp-content/uploads/2013/10/avos.jpg

PERGUNTAS PARA AUXILIAR SEU TEXTO DE MEMÓRIAS LITERÁRIAS

1-Foi fácil encontrar a pessoa para a entrevista? Quem era?

2-Como foi quando você chegou para entrevista, o que aconteceu?

3-Quais perguntas e respostas realizadas durante a entrevista que mais te emocionou? Comente.

4-Como o entrevistado se comportou quando falou de sua infância, de suas recordações? Demonstrou alegria, tristeza, saudade, relate.

5-Qual o recurso que você usou para não esquecer o que o entrevistado contou-lhe?

OFICINA 5

Denizia no morro de goiabeira em Itambé

MEU PÉ DE GOIABA – Denizia Moresqui

Quando se nasce numa fazenda, uma de suas primeiras obrigações é aprender a subir em árvores, principalmente frutíferas. Na Fazenda Anjo da Guarda, havia muitas, castanheira, mexeriqueira, laranjeira, pereira, mangueira, limoeiro, abacateiro, e por aí vai.

A tática é simples: primeiro você observa a árvore pra ver se o fruto vale a pena; depois se aproxima do tronco, segura o galho mais baixo com uma das mãos e o outro já coloca no galho mais acima, enquanto seus pés vão procurando apoio no tronco. Quando olha ao seu redor, está cercado de frutas, que você come sem lavar, abaixo o chão é o limite, então é preciso se segurar firme.

Havia árvores em volta da minha casa e no pomar, um pouco mais distante. Eu subia em todas. Meu recorde foi vencer uma paineira. Todo mundo sabe que o tronco da paineira é cheio de espinhos e ela não dá frutas. Mas ela dá paina. Como eu era chamada de cabelo de paina, queria ver de perto e sem sujeita de terra aquela pluma. A curiosidade é a mola propulsora da coragem. Fiquei toda estrepada, mas venci.

A minha árvore preferida era a goiabeira, ou pé de goiaba, como dizíamos. Havia um atrás da privada. Eu ficava muito tempo lá em cima, observando as vacas no pasto. Sempre tive fascinação por altura e por goiaba. Então, estava no paraíso.

Em julho de 1980, minha família mudou-se para a cidade de Itambé. Foi estranho. Nosso limite era a casa e um quintal com um abacateiro imenso e, pra minha sorte, um pé de goiaba. Ele era magrelo, quase sem folhas e nenhum fruto. Nem sei se algum dia, aquela árvore teve a alegria de frutificar, mas era o que eu tinha agora.

Eu subi no pé de goiaba e fiquei analisando ao redor. Meu horizonte diminuiu, vida nova. Como não havia goiabas, eu ficava conversando com a árvore, deitava em seus galhos, balançava, pulava no chão e subia novamente. Apesar de ficar bem próximo da casa, quando eu estava sobre a goiabeira, quase ninguém me via. Minha mãe me chamava pra enxugar louça, o que eu odiava, e eu ficava quietinha até a Ducimara enxugar, me praguejando. Quando me viam, diziam: “Lá está a macaca branca preguiçosa!”

Um dia, percebi que a goiabeira florescera e, dentro de pouco tempo, apareceram seus primeiros frutos. O que começou timidamente logo explodiu em fartura. Eram tantas goiabas que nós e os bichos ficamos abastados. Meu pé de goiaba estava me presenteando pela atenção e carinho que eu lhe dava. Até uma árvore frutifica quando é bem tratada!

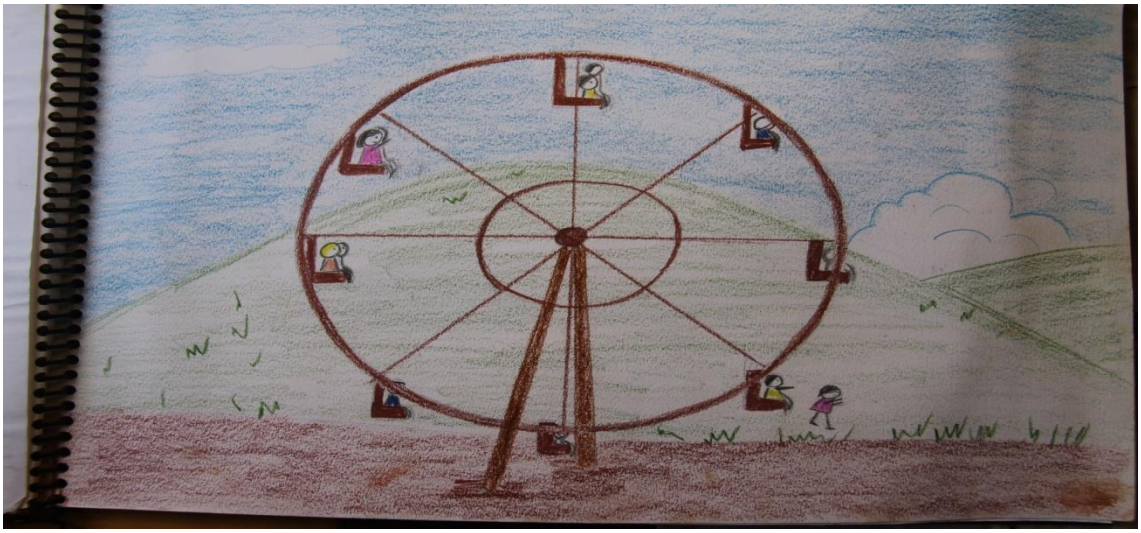
Sim, meu pé de goiaba me deu frutas por vários anos. Mas um dia, a família decidiu construir um barracão no fundo do quintal. Poderia ser chamado hoje de edícula, era de madeira, com local para área de serviço e uma despensa. O quintal era grande, no entanto, decidiram cortar o pé de goiaba para construir bem em cima do mísero terreno que ele ocupava.

Eu poderia ter protestado, dito que aquilo era uma absurdo, derrubar uma árvore com tanto espaço em volta, que fizessem o barracão mais pra cima... eu poderia ter dito muita coisa. Mas eu não sabia discutir. Eu não disse nada. Resignei-me. Esse silêncio ainda grita em mim. Vi a queda do meu amigo, folha a folha, galho a galho, cortou-se o tronco e fim. Fez-se o barracão e minha árvore foi esquecida por todos, menos por mim.

Até hoje, a goiaba é minha fruta preferida, não sei se pelo sabor ou pela história. Ainda não consigo discutir. Minha boca se cala e, se tento falar, gaguejo. A oralidade

não é meu forte. Mas já desisti de ser diferente. Talvez o silêncio seja a única forma de expressar minha indignação. Talvez por isso, eu gostasse tanto do silêncio das árvores.

Texto: A RODA GIGANTE – Denizia Moresqui



Nós morávamos a muitos quilômetros de um parque de diversões. Nós éramos: eu, quatro irmãos, quatro primos, e uma dezena de filhos de moradores da Fazenda Anjo da Guarda. Criança era o que não faltava naquele lugar.

Como eu estava dizendo... não havia possibilidade, devido a distância e ao número de crianças, de todos nós irmos a um parque de diversões. Mas nem tínhamos este sonho. Porque isto não fazia parte do nosso mundo.

Porém, havia o Tio Sérgio, que também não era desse mundo. Digo isto porque ele tinha ideias bem avançadas para aquele tempo e lugar. Tudo bem que ele morava na cidade de Itambé, mas a cidade era pequena e, pelo que eu soube, as pessoas de lá também não pensavam como ele.

O tio amava as máquinas, motores e tudo o que era moderno para a década de 70. Ele voava com sua moto pelas estradas, levantando poeira; gostava também de dirigir carros, tratores e pilotava o avião que pulverizava as plantações da fazenda.

E ele gostava de inventar suas próprias máquinas. A que interessou a mim e às outras crianças foi a tal da roda gigante. O tio ficou dias e dias na produção de sua obra-prima. Cortou, soldou, montou... e finalmente nos apresentou seu invento. A máquina era movida por um motor, (mais alta que alguma coisa), tinha uns quatro metros de altura e várias cadeirinhas onde as crianças poderiam se sentar. E não é que aquele trem funcionava mesmo. Só havia um problema: por uma questão de equilíbrio, cada cadeira deveria levar duas crianças e não poderiam restar cadeiras vazias.

Geringonça pronta, vamos ao teste. Era preciso um voluntário, ou melhor, uma cobaia para isto. Sugeriram que fosse eu, por ser a mais magra da turma. Houve protestos, então decidiram colocar uma pedra no meu lugar (ufa). Quando a máquina foi ligada, a pedra voou longe. Ainda bem que foi a pedra e não eu. Então o tio fez alguns reparos e o brinquedo ficou seguro. Todas as crianças da fazenda subiram na roda gigante, uma de minhas irmãs ficou sem par para a cadeira, então colocam sucatas para ir com ela. Assim a danada máquina foi ligada. Que sucesso! Nunca tinha visto nada parecido. A gente subia, rodava, descia, subia, rodava, descia... que alegria. O teste mostrou que tudo funcionava bem.

No segundo dia de funcionamento do nosso grande brinquedo, nós subimos nas cadeiras novamente. Porém, havia uma menina que estrearia o invento naquele dia e estava com medo. Mas concordou em brincar assim mesmo. Meu tio ligou a roda gigante e foi trabalhar no barracão ao lado. Quando o brinquedo estava em pleno funcionamento, a tal menina pulou de sua cadeira. A roda gigante disparou, fazendo todo mundo gritar desesperadamente. Parecia que quanto mais nós gritávamos, mais aquele negócio rodava.

Quando eu (e as 8 outras crianças do brinquedo) estavam a ponto de vomitar, tio Chico apareceu e desligou o motor que impulsionava o brinquedo. Fomos salvos.

Depois disso, a roda gigante foi abandonada. Voltamos às velhas brincadeiras e deixamos de lado a modernidade. Mas... como aquele brinquedo deixou saudades... e o meu tio Sérgio também!

Denizia Moresqui
17/02/08

Tio Sérgio e a esposa Jurema

Texto: **ZÉ MILTON – Denizia Moresqui**

Aos domingos, havia catequese na Capela Anjo da Guarda, na fazenda onde eu morava. Participavam das aulas crianças do Bairro Moreschi e de toda redondeza. Construída em alvenaria, o templo era grande para atender toda àquela comunidade rural. Havia bancos de madeira, o altar, com Cristo Crucificado, a mesa usada pelo Padre Pedro para rezar as missas, um lustre marrom sobre a mesa. Os vidros eram azuis, o que fazia com que tudo lá fora parecesse o céu. Era o prédio mais bonito da fazenda e o único lugar onde ficávamos quietos. Passarinhos nos sobrevoavam enquanto esperávamos a aula começar.

Então, lá vinha ele, o Zé Milton, um trabalhador rural. Não sei quanto tempo ele teve de estudo, só sei que trabalhava na roça. Era moreno e usava barba, tinha os cabelos compridos até os ombros e um sorriso encantador. Ele era um dos motivos por nós estarmos lá, todos os domingos de manhã. Zé Milton era o nosso professor de catequese. Quando começava a ensinar, nossos olhos e ouvidos se abriam para não perder nada do que falava. Ele lecionava com paixão e bom humor. Fazia-nos rir o tempo todo, e isto mantinha a turma acessa para aprender. Ele contava histórias bíblicas e nos ensinava valores cristãos com simplicidade e amor, usando fatos do nosso cotidiano. Não sei onde aprendera aquela metodologia, se não havia cursado o Magistério. Tempos depois, descobri que ser professor exige mais vocação que estudo. E isso, Zé Milton tinha de sobra.

Quando não estava na igreja, ele trabalhava como qualquer outro, capinando, plantando e colhendo. Sua vida não tinha nenhum luxo. Penso que hoje, com sua forma genial de ensinar, ele poderia ter uma carreira promissora em cursinhos ou universidades. Poderia ser reconhecido, ganhar muito dinheiro, ser respeitado pela sua sabedoria.

Mas nada disso aconteceu. Nós nos mudamos da fazenda, a igreja já não há mais missas ou aula de catequese, por causa do Êxodo Rural; apenas um casal de corujas vive lá dentro, sobre o lustre marrom. Zé Milton, porém, continuou por lá, lavrando a terra, cuidando de animais. Talvez nem saiba como marcou a minha vida e a de todas as crianças para quem lecionou na catequese. Talvez não saiba da importância que teve nos nossos domingos de manhã, da alegria que era ouvi-lo falar de Deus com tanta humildade e sabedoria.

Não sei se ele agiu errado em permanecer por lá e não investir numa carreira de

sucesso. Pois como escrevera Ovídio: **Bene vixit qui bene latuit**. (Viveu bem quem soube viver na obscuridade.) Também não sei se ele fazia ideia do seu talento. Só sei que tenho saudades daquele tempo e daquele professor sem diploma ou remuneração. Quem passar pelas bandas do Moreschi, diga a ele que mandei um abraço e meus sinceros respeitos. Diga a ele que continua inesquecível para mim e para todos os que encantou um dia.

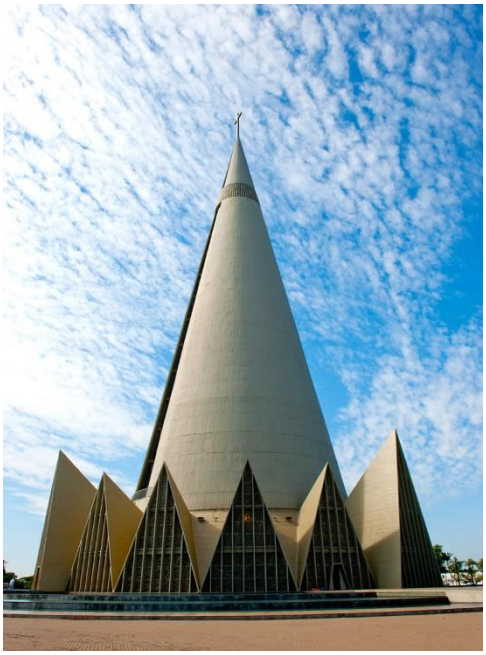
Denizia Moresqui e Zé Milton - 2014

OFICINA 6 – PASSEIO

ALGUNS PONTOS TURÍSTICOS DE MARINGÁ

Imagem da catedral antiga de Maringá – disponível em: http://www.maringahistorica.com.br/2009/04/as-10-maravilhas-de-maringa-antiga.html

Imagem da catedral atual de Maringá



Disponível em: http://www.gq.com.mx/bon-vivant/viajes/galerias/las-iglesias-mas-espectaculares-y-raras-del-mundo/2095/image/65087

OFICINA 7

Texto: A escola – Denízia Moresqui

A ESCOLA – Denizia Moresqui

Acordei bem cedo naquela manhã, tentei abrir os olhos, mas eles estavam grudados pela remela. Depois de esfrega-lo, consegui abrir. Minha irmã me acordou porque era um dia especial: dia de ir a escola pela primeira vez.

Eu ainda estava com seis anos, mas como já sabia ler, meus irmãos decidirem que eu deveria ir a escola também. Como toda criança gosta de novidades, resolvi tentar. Após o café, partimos, eu e mais três irmãos, rumo à Escola Isolada Anjo da Guarda, que ficava a uns cem metros de nossa casa.

Já havia muitas crianças no local, todas uniformizadas. Os meninos de camisa branca e calça azul marinho, as meninas de saias de pregas. Era bonito de se ver. A escola só contava com duas salas de aula, onde duas professoras lecionavam para as quatro séries iniciais; havia também um pequeno pátio entre as salas e, é claro, os banheiros, ou melhor, privadas: uma para os meninos e outra para as meninas, construídas de parede e meia.

As professoras chegaram de Kombi, ambas moravam na cidade de Itambé e eram transportadas até a zona rural pelo motorista da prefeitura. Eles traziam a merenda em grandes potes de alumínio.

Foi dado o sinal de entrada. Os alunos que estavam correndo no pátio logo formaram fila. Meus irmãos me empurraram na fila da 1ª série. A professora perguntou a minha idade e, antes que eu respondesse, meu irmão disse que era sete. Pois, pelas leis da educação da época, eu só poderia cursar a primeira série com sete anos.

Entramos na sala de aula, tinha um cheiro estranho, cheiro de coisa envelhecida. Havia um quadro negro, e era negro mesmo; carteiras duplas enfileiradas e alguns armários. Sentei-me onde a professora mandou. Fiquei olhando as paredes e todas as crianças sentadas, comecei a não gostar muito daquilo. Senti-me presa, para quem passava os dias andando e correndo sem direção, aquilo era uma tortura. Mas resignei-me momentaneamente.

A professora não tinha engolido bem a mentira do meu irmão. Eu sempre fui aniquilada, a menor e a mais magra da família. Então era difícil mesmo acreditar que eu tinha sete anos. Após alguns minutos de aula, ela chegou perto de mim e me perguntou: “Quantos anos você tem?”

Bem, eu sabia que a resposta seria decisiva para minha permanência na escola. Então, o tempo parou e pensei: Se eu mentir, continuo na escola, mas estarei cometendo um pecado. Se eu disser a verdade, terei que deixar a escola, porém fico bem com minha consciência. Na real mesmo, eu queria mais um ano livre. Sendo assim: “A verdade vos libertará.”

“Eu tenho seis anos.” A professora não ficou surpresa. Ao final da aula, falou aos meus irmãos que eu só poderia ingressar na escola no próximo ano.

Viva a verdade!

Denizia Moresqui - 20/04/2014

Texto: Memórias de livros – João Ubaldo Ribeiro

Memória de livros

Autor: João Ubaldo Ribeiro

João Ubaldo Ribeiro

Aracaju, a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe, o menor estado brasileiro (mais ou menos do tamanho da Suíça). Essa distinção, contudo, não lhe tirava o caráter de cidade pequena, provinciana e calma, à boca de um rio e a pouca distância de praias muito bonitas. Sabíamos do mundo pelo rádio, pelos cinejornais que acompanhavam todos os filmes e pelas revistas nacionais. A televisão era tida por muitos como mentira de viajantes, só alguns loucos andavam de avião, comprávamos galinhas vivas e verduras trazidas à nossa porta nas costas de mulas, tínhamos grandes quintais e jardins, meninos não discutiam com adultos, mulheres

não usavam calças compridas nem dirigiam automóveis e vivíamos tão longe de tudo que se dizia que, quando o mundo acabasse, só íamos saber uns cinco dias depois.

Mas vivíamos bem. Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos *long play*, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente. Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e, que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou, porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e fi cou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru.

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

— D. Gilete — disse ele, apresentando-me a uma senhora de cabelos presos na nuca, óculos redondos e ar severo —, este rapaz já está um homem e ainda não sabe ler. Aplique as regras.

“Aplicar as regras”, soube eu muito depois, com um susto retardado, signifi cava, entre outras coisas, usar a palmatória para vencer qualquer manifestação de falta de empenho ou burrice por parte do aluno. Felizmente D. Gilete nunca precisou me aplicar as regras, mesmo porque eu de fato já conhecia a maior parte das letras e juntá-las me pareceu facílimo, de maneira que, quando voltei para casa nesse mesmo dia, já estava começando a poder ler. Fui a uma das estantes do corredor para selecionar um daqueles livrões com retratos de homens carrancudos e cenas de batalhas, mas meu pai apareceu subitamente à porta do gabinete, carregando uma pilha de mais de vinte livros infantis.

— Esses daí agora não — disse ele. — Primeiro estes, para treinar. Estas livrarias daqui são umas porcarias, só achei estes. Mas já encomendei mais, esses daí devem durar uns dias.

Duraram bem pouco, sim, porque de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis. Um pouco febril às vezes, chegava a ler dois ou três livros num só dia, sem querer dormir e sem querer comer porque não me deixavam ler à mesa — e, pela primeira vez em muitas, minha mãe disse a meu pai que eu estava maluco, preocupação que até hoje volta e meia ela manifesta.

— Seu filho está doido — disse ela, de noite, na varanda, sem saber que eu estava escutando. — Ele não larga os livros. Hoje ele estava abrindo os livros daquela estante que vai cair para cheirar.
— Que é que tem isso? É normal, eu também cheiro muito os livros daquela estante. São livros velhos, alguns têm um cheiro ótimo.
— Ele ontem passou a tarde inteira lendo um dicionário.
— Normalíssimo. Eu também leio dicionários, distrai muito. Que dicionário ele estava lendo?
— O Lello.
— Ah, isso é que não pode. Ele tem que ler o Laudelino Freire, que é muito melhor. Eu vou ter uma conversa com esse rapaz, ele não entende nada de dicionários. Ele está cheirando os livros certos, mas lendo o dicionário errado, precisa de orientação.

Sim, tínhamos muitas conversas sobre livros. Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos — a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de

nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na *Ilíada*. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloquente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula esta a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos — escritos ou orais — das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto e vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto e vírgula) e os trechos a decorar. No que certamente é um mistério para os psicanalistas, até hoje não só os sermões de Vieira como muitos desses autores forçados pela goela abaixo estão entre minhas leituras favoritas. (Em compensação, continuo ruim de ponto e vírgula.)

Mas o bom mesmo era a leitura livre, inclusive porque oferecia seus perigos. Meu pai usava uma técnica maquiavélica para me convencer a me interessar por certas leituras. A circulação entre os livros permanecia absolutamente livre, mas, de vez em quando, ele brandia um volume no ar e anunciava com veemência:

— Este não pode! Este está proibido! Arranco as orelhas do primeiro que chegar perto deste daqui!

O problema era que não só ele deixava o livro proibido bem à vista, no mesmo lugar de onde o tirara subitamente, como às vezes a proibição era para valer. A incerteza era inevitável e então tínhamos momentos de suspense arrasador (meu pai nunca arrancou as orelhas de ninguém, mas todo mundo achava que, se fosse por uma questão de princípios, ele arrancaria), nos quais lemos *Nossa vida sexual* do Dr. Fritz Kahn, *Romeu e Julieta*, *O livro de San Michele*, *Crônica escandalosa dos Doze Césares*, *Salambô*, *O crime do Padre Amaro* — enfim, dezenas de títulos de uma coleção estapafúrdia, cujo único ponto em comum era o medo de passarmos o resto da vida sem orelhas — e hoje penso que li tudo o que ele queria disfarçadamente que eu lesse, embora à custa de sobressaltos e suores frios.

Na área proibida, não pode deixar de ser feita uma menção aos pais de meu pai, meus avós João e Amália. João era português, leitor anticlerical de Guerra Junqueiro e não levava o filho muito a sério intelectualmente, porque os livros que meu pai escrevia eram finos e não ficavam em pé sozinhos. “Isto é merda”, dizia ele, sopesando com desdém uma das monografias jurídicas de meu pai. “Estas tripinhas que não se sustentam em pé não são livros, são uns folhetos.” Já minha avó tinha mais respeito pela produção de meu pai, mas achava que, de tanto estudar altas ciências, ele havia ficado um pouco abobalhado, não entendia nada da vida. Isto foi muito bom para a expansão dos meus horizontes culturais, porque ela não só lia como deixava que eu lesse tudo o que ele não deixava, inclusive revistas policiais oficialmente proibidas para menores. Nas férias escolares, ela ia me buscar para que eu as passasse com ela, e meu pai fi cava preocupado.

— D. Amália — dizia ele, tratando-a com cerimônia na esperança de que ela se imbuísse da necessidade de atendê-lo —, o menino vai com a senhora, mas sob uma condição. A senhora não vai deixar que ele fique o dia inteiro deitado, cercado de bolachinhas e docinhos e lendo essas coisas que a senhora lê.

— Senhor doutor — respondia minha avó —, sou avó deste menino e tua mãe. Se te criei mal, Deus me perdoe, foi a inexperiência da juventude. Mas este cá ainda pode ser salvo e não vou deixar que tuas maluquices o infelicitem. Levo o menino sem condição nenhuma e, se insistes, digo-te muito bem o que podes fazer com tuas condições e vê lá se não me respondes, que hoje acordei com a ciática e não vejo a hora de deitar a sombrinha ao lombo de um que se atreva a chatear-me. Passar bem, Senhor doutor. E assim eu ia para a casa de minha avó Amália, onde ela comentava mais uma vez com meu avô como o filho estudara demais e ficara abestalhado para a vida, e meu avô, que queria que ela saísse para poder beber em paz a cerveja que o médico proibira, tirava um bolo de dinheiro do bolso e nos mandava comprar umas coisitas de ler — Amália tinha razão, se o menino queria ler, que lesse, não havia mal nas leituras, havia em certos leitores. E então saíamos gloriosamente, minha avó e eu, para a maior banca de revistas da cidade, que fi cava num parque perto da casa dela e cujo dono já estava acostumado àquela dupla excêntrica. Nós íamos chegando e ele perguntava:

— Uma de cada?

— Uma de cada — confirmava minha avó, passando a superintender, com os olhos brilhando, a colheita de um exemplar de cada revista, proibida ou não proibida, que ia formar uma montanha colorida deslumbrante, num carrinho de mão que talvez o homem tivesse comprado para atender a fregueses como nós. — Mande levar. E agora aos livros!

Depois da banca, naturalmente, vinham os livros. Ela acompanhava certas coleções, histórias de “Raffles, Arsène Lupin”, Ponson du Terrail, Sir Walter Scott, Edgar Wallace, Michel Zevaco, Emilio Salgari, os Dumas e mais uma porção de outros, em edições de sobrecapas extravagantemente coloridas que me deixavam quase sem fôlego. Na livraria, ela não só se servia dos últimos lançamentos de seus favoritos, como se dirigia imperiosamente à seção de literatura para jovens e escolhia livros para mim, geralmente sem ouvir minha opinião — e foi assim que li Karl May, Edgar Rice Burroughs, Robert Louis Stevenson, Swift e tantos mais, num sofá enorme, soterrado por revistas, livros e latas de docinhos e bolachinhas, sem querer fazer mais nada, absolutamente nada, neste mundo encantado. De vez em quando, minha avó e eu mantínhamos tertúlias literárias na sala, comentando nossos vilões favoritos e nosso herói predileto, o Conde de Monte Cristo – Edmond Dantès! – como dizia ela, fremindo num gesto dramático. E meu avô, bebendo a cerveja escondido lá dentro, dizia “ai, ai, esses dois se acham letrados, mas nunca leram o Guerra Junqueiro”.

De volta à casa de meus pais, depois das férias, o problema das leituras compulsórias às vezes se agravava, porque meu pai, na certeza (embora nunca desse ousadia de me perguntar) de que minha avó me tinha dado para ler tudo o que ele proibia, entrava numa programação delirante, destinada a limpar os efeitos deletérios das revistas policiais. Sei que parece mentira e não me aborreço com quem não acreditar (quem conheceu meu pai acredita), mas a verdade é que, aos doze anos, eu já tinha lido, com efeitos às vezes surpreendentes, a maior parte da obra traduzida de Shakespeare, *O elogio da loucura*, *As décadas de Tito Lívio*, *D. Quixote* (uma das ilustrações de Gustave Doré, mostrando monstros e personagens saindo dos livros de cavalaria do fidalgo, me fez mal, porque eu passei a ver as

mesmas coisas saindo dos livros da casa), adaptações especiais do *Fausto* e da *Divina comédia*, a *Ilíada*, a *Odisseia*, vários ensaios de Montaigne, Poe, Alexandre Herculano, José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Dickens, Dostoievski, Suetônio, os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola e mais não sei quantos outros clássicos, muitos deles resumidos, discutidos ou simplesmente lembrados em conversas inflamadas, dos quais nunca me esqueço e a maior parte dos quais faz parte íntima de minha vida.

Fico pensando nisso e me pergunto: não estou imaginando coisas, tudo isso poderia ter realmente acontecido? Terei tido uma infância normal? Acho que sim, também joguei bola, tomei banho nu no rio, subi em árvores e acreditei em Papai Noel. Os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas. Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju.

Texto extraído do livro: *Um brasileiro em Berlim* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, pp. 1 05-112). Fonte: Revista *Na ponta do lápis* (ano VII, número 18, junho de 2008, p.22)

OFICINA 8

Leitura do livro: O segredo da xícara cor de nuvem – Sônia Barros

Imagem disponível em: http://www.saraiva.com.br/o-segredo-da-xicara-cor-de-nuvem-2651979.html

OFICINAS 9 à 12

Serão ministradas aulas com ênfase a entrevista, produção textual e correção dos textos como já citados nas oficinas.

OFICINA 13

Chá com os pais e entrevistados para finalização do trabalho e entrega do livro de “Memórias literárias” produzido pelos alunos.

Disponível em:http://colegiorgf.com.br/site/index.php/cha-da-tarde-com-os-avos/

Disponível em:http://vitaclinica.com.br/blog-da-vita/a-importancia-do-convivio-entre-as-diversas-geracoes/

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes,1992-2000-2004.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades como os textos organizam atividades e pessoas. In:DIONÍSIO, A.P; HOFFNAGEL, J.C.(org). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Traduzido por Judith C. Hoffnagel.2.ed. São Paulo: Cortez, 2006 p.19-46.

BRONCKART, J-P. *Atividades de linguagem, textos e discursos.* São Paulo: Educ, 2003.

CLARA, R.; ALTENFELDER,A.H; ALMEIDA, N. *Se bem me lembro...:* caderno do professor: orientação para produção de textos. São Paulo: Cenpec,2010.

_____;DOLZ, J. *Os gêneros escolares*: das práticas de leitura aos objetos de ensino. Tradução de Roxane Rojo. Genève. Université de Genève, s/d. (Mimeo.)

DOLZ,Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard Gêneros orais e escritos na escola. 2ªedição. São Paulo. Tradução de Roxane Rojo. 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997. 75 p.

LIMA, Ana. Recordar para contar. In: *Na ponta do Lápis*, ano V, nº11, ago/2009.

MARCHUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora(Org). *Gêneros textuais & ensino.* 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna,2005, p.19-36.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso: princípios e procedimentos, 7ª Edição,Campinas, SP: Pontes, 2007.

SARAMAGO,José. As pequenas memórias. São Paulo: Companhia das Letras,2006.

Sites utilizados:

https://www.youtube.com/channel/UC2OrsfdHSw_1xYjoG9V1UEA

http://parcimoniadna.blogspot.com.br/2012/06/texto-de-apoio-para-realizar-uma.html

http://lovetokeep.com/2015/04/momentos-para-recordar-livro-de-memorias-personalizado.html

http://clubedolivrovirandoapagina.blogspot.com.br/

https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/403/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-transplante-de-menina

http://www.desvendandopalavras.com/2008/08/desvendando-palavras_2300.html

https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/bibliotechttp://lovetokeep.com/2015/04/momentos-para-recordar-livro-de-memorias-personalizado.htmla/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/400/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-minha-vida-de-meninahttp://parcimoniadna.blogspot.com.br/2012/06/texto-de-apoio-para-realizar-uma.html

https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/399/coletanea-de-textos-do-caderno-se-bem-me-lembro-mercador-de-escravos

https://www.youtube.com/watch?v=hcXnPrnVbq8

https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/495/memoria-de-livros

http://praticandogenerostextuaisnaescola.blogspot.com.br/p/coletanea-de-memorias-literarias-da.html

http://escritorasoniabarros.blogspot.com.br/2011/02/o-segredo-da-xicara-cor-de-nuvem.html

http://deniziamoresqui.blogspot.com.br/2016/12/a-galinha-ou-eu.html

https://www.youtube.com/results?search_query=a+galinha+ou+eu

http://direitodetodos.com.br/wp-content/uploads/2013/10/avos.jpg

http://www.maringahistorica.com.br/2009/04/as-10-maravilhas-de-maringa-antiga.html
http://www.gq.com.mx/bon-vivant/viajes/galerias/las-iglesias-mas-espectaculares-y-raras-del-mundo/2095/image/65087
http://www.saraiva.com.br/o-segredo-da-xicara-cor-de-nuvem-2651979.html
http://vitaclinica.com.br/blog-da-vita/a-importancia-do-convivio-entre-as-diversas-geracoes/
http://colegiorgf.com.br/site/index.php/cha-da-tarde-com-os-avos/